

JORNAL: CORREIO DA MANHÃ LOCAL: GUANABARA

DATA: 1/1/1960 AUTOR: ~~JEAN-JACQUES LEVEQUE~~ Jayme Maurício

TÍTULO: ARTE BRASILEIRA

ASSUNTO: UMA GRANDE MOSTRA DE TODAS AS
TENDÊNCIAS ATUAIS

c. manhã 1960

2.º Caderno

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

ARTE BRASILEIRA – uma grande mostra de tôdas as tendências atuais

Já comentamos nesta coluna a voz da crítica européia a respeito da exposição de arte contemporânea que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro enviou ao Velho Mundo. — Voz na maior das vezes desafinada. Mas, para a boa informação dos leitores, transcrevemos ainda hoje a apreciação de Jean-Jacques Leveque, publicada no "L'Information" de Paris, que, como poderão ver, diz coisas certas outras erradas, e outras simplesmente engraçadas!

"A exposição, que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro preparou para enviar à Europa, representa a produção artística mais recente do Brasil, e o testemunho quase justo e completo não sómente da qualidade mas também das tendências e princípios atuais da arte desse país.

O início da arte moderna no Brasil foi entre 1925-1930, data em que já se impunham as obras de Lazar Segall e Di Cavalcanti. Foi nessa época também que apareceu Cândido Portinari, cuja obra, que se volta para o pitoresco local, o drama social e humano em geral, se impunha como uma das mais marcantes.

Além destes mestres já apreciados da arte brasileira contemporânea, esta exposição oferece um panorama vasto bastante eclético dos vários caminhos dos artistas brasileiros. Assim Djaniira (nascida em São Paulo em 1911), cuja obra é um verdadeiro testemunho da vida cotidiana no Brasil; Clara Heteny (nascida na Hungria em 1919) que traduz no seu grafismo preciso e retilíneo o calor oprimido sobre muros brancos e janelas fechadas.

Todavia, é a arte abstrata que domina nesta exposição, numa harmonia feliz de contrastes: de um lado, o geometrismo o mais puro, e de outro, o informal o mais livre. Clark, Cícero Dias, Ibberson, Dacosta, Cordeiro, Fiaminghi, Lima, Carvão, Serpa, Nogueira, Vieira, Volpi situam-se efetivamente na linha de Malevitch, Pevsner ou Mondrian; ao passo que Lolo Pérsio e Tanaka praticam uma escrita mais instintiva e mais livre.

Nesta grande amostra oferecida à nossa atenção, anotamos alguns participantes cuja obra apresenta um real interesse: Flexor (número 1907) exprime o impalpável, o fugaz, a luminosidade, sua palheta, de preferência monótona, é sutilmente modulada; Francini, estrutura matérias ligeiras mas de grande eficácia plástica, um suporte gráfico muito discreto, distribui a luz no espaço; Becker registra em seu grafismo conciso silhuetas de personagens; Bandeira (de quem algumas obras foi possível serem vistas em Paris, quando trabalhou com Wols e Bryen) retalha formas como echarps leves flutuando ao vento (é possível que haja demasiada alegria e graça nesse trabalho outrora mais virulento; Krajecberg (Polónia 1912)

mistura à matéria veemente um grafismo nervoso; Nicolau (Rio de Janeiro 1928) esboça o horizonte por um jôgo de partículas coloridas; Manabu Mabe (Japão 1910) permanece fiel ao signo característico do seu folclore e de sua cultura; Palatnik (Rio Grande 1928) opõe ao rigor geométrico de superfícies neutras finos filões terrestres, de uma formação prismática de cor; Saldanha interpreta visões urbanas, em um jôgo gráfico que não escapa à tentação do decorativo; o mesmo acontecendo a Magalhães e Rissone, cujos "guerreiros" estilizados se integram numa armadura gráfica elegante.

Com Lolo Pérsio (Brasil 1928) encontramos a atmosfera asfixiante de Wols, este grafismo frenético, infatigável, obstinado, açoltando o espaço; Inimá de Paula (1918) arquitetura um espaço finamente equilibrado, justamente dosado com acordes de tons (amarelo limão e carmim, rosa antigo e negro) de uma grande sedução.

Em gravura e desenho a mesma diversidade. Figurativos com Geldi, Carreiro, Leticia. Estilização ainda figurativa com Abramo e Bonomi. Abstração com Mindlin, Lima, d'Horta, Silésio, Charoux (estes dois últimos geométricos) Behring, Mohaly e Ostrower.

A eclosão de Artur Luiz Piza lembra algumas pesquisas gráficas de Stael e possui a força de uma afirmação.

Em escultura retemos a participação de Maria Martins, cujo hino marinho forma "lovée" com sensualidade, é de um realismo surpreendente. Maria Cravo Júnior não escapa ao "bricolage" em sua composição. Sacillotto, Fejer e Weismann se apegam a problemas plásticos relevados a uma espécie de geometria no espaço. A criação sobre o oval de Zélia Salgado é de uma pureza que feria seduzido a Brancusi; esta escultura encanta por sua riqueza e densidade.

Os "guerreiros" de Bruno Giorgi são o exemplo deste gosto que têm os artistas brasileiros pela estilização. Aqui os personagens são reduzidos a algumas formas essenciais. E' a distribuição dos espaços livres determinando ritmos que em mais interessou o escultor.

Como se pode ver através as indicações de origem, um grande número de artistas vêm de países bem diferentes. Acolhidos no Brasil eles se integraram no movimento cultural desse país. Parece que eles lhe trouxeram um renovamento constituído de idéias e ambições. Talvez esteja aí a origem desta grande variedade de arte brasileira que, desligada do folclore que a caracterizou durante muito tempo, adota com as últimas gerações, uma voz mais ampla, mais apta a sustentar o grande concerto mantido de país em país, de continente em continente, na afirmação de novos cânones de beleza.

JEAN-JACQUES LEVEQUE